

Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*¹

Case analysis on LGBTI+ representations in superhero comics: on the representation of Superman in the DC Pride 2022 special edition

Mário Jorge de Paiva*¹

Palavras-chave:

LGBTI+;
Superman;
Comics;
DC Pride;
Queer.

Resumo: O presente artigo visa realizar uma análise de caso de certa representação LGBTI+ dentro do universo dos quadrinhos, abordaremos assim o material comemorativo *DC Pride 2022* e sua representação de Superman, um dos produtos centrais da editora *DC Comics*. Nossa abordagem é qualitativa, em que faremos uma leitura de tal material, partindo da história dos quadrinhos americanos e de como eles representaram os grupos LGBTI+. Em termos de aporte, selecionamos autores como Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky, entre outros nomes. Nossa conclusão envolve ver como mesmo com avanços e mudanças históricas, a qualidade de certos materiais ainda pode ser colocada em questão, no que tange aos modelos de representação LGBTI+.

Keywords:

LGBTI+;
Superman; *Comics*;
DC Pride;
Queer.

Abstract: *This article aims to carry out a case analysis of a certain LGBTI+ representation, we will approach the commemorative material DC Pride 2022 and its representation of Superman, one of the central products of the DC Comics. Our approach is qualitative, in which we will make a reading of such material, starting from the history of American comics and how they represented LGBTI+ groups. In terms of contribution, we selected authors such as Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Neil Shyminsky, among other names. Our conclusion involves seeing how even with historical advances and changes, the quality of certain materials can still be questioned, in terms of LGBTI+ representation models.*

¹ Recebido em 11/07/2022. Aceito em 29/10/2022.

*¹ Doutorando, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

Introdução

Como é explorado por uma série de pesquisadores, existem representações do amor não heterossexual desde tempos longínquos, na história da Europa, como é demonstrado por *Sarene Alexandrian (1993)* ou *Michel Foucault (2010)*. *Algo que está correlacionado com algumas das nossas maiores bases de conhecimento do mundo grego antigo;*² *se pensarmos, por exemplo, na forma como Platão (1979) apresenta o complexo relacionamento entre Sócrates e Alcibíades, entre tantos outros possíveis exemplos*³.

Dentro desse cenário então, colocado por parte de nosso aporte teórico, acreditamos que representações das existências LGBTI+, *queer*, são históricas e culturalmente moldadas. Cada época, cada sociedade, cada campo social com suas próprias regras, questões, *heresias*; em embates entre poderes, saberes e subjetividades, que moldam, de modos não teleológicos, tanto os indivíduos como o social. Então, nesses termos, nosso presente artigo deseja estudar um elemento da cultura *pop* contemporânea. Referimos-nos ao mundo dos quadrinhos, mais especificamente o material *Super pride*, uma das histórias presentes na coletânea comemorativa *DC Pride 2022*, da editora *DC Comics*.

Qual o motivo de estudarmos o *pop* e os quadrinhos? Acreditamos ser de relevância estudar o *pop*, porque como aponta Slavoj Žižek (2017, 2018), por exemplo, ele está relacionado com o formato que encaramos o mundo, faz parte de nós enquanto um elemento ideológico. Assim, devemos ler o *pop* enquanto algo que não é neutro e pode nos revelar algo sobre nossa época, a forma como pensamos etc. Já o objetivo de estudar quadrinhos envolve vê-los como um campo para maiores pesquisas acadêmicas, porque ainda há pouco material, em termos comparativos, com outras mídias, acreditamos. Pierre Bourdieu (2011) fala que existe nos quadrinhos ainda um aspecto de arte média em vias de legitimação, logo ainda possui um elemento marginal, em relação aos detentores dos maiores capitais dentro do tecido social.

Em termos de metodologia, nosso trabalho se dividiu em três partes. Primeira, um estudo de trabalhos que tratam desse ponto de junção entre quadrinhos e o universo LGBTI+. Segunda, um direcionamento, de nossa visão e questões, para algum material de estudo ainda pouco explorado no *estado da arte* atual, nos referimos aqui ao recente material da edição comemorativa, já mencionada. Terceira, a leitura e análise do material selecionado, tendo por base, inclusive, o que já escrevemos sobre o tema dos quadrinhos americanos⁴.

² Cf. Carpeaux (2012).

³ Outro exemplo de interesse é o material remanescente de Safo da Ilha de Lesbos (cf. Alexandrian, 1993).

⁴ Cf. Paiva (2021).

A hipótese do trabalho orbita por algo deveras importante, dentro desse universo de estudos: a representação da personagem Superman foi efetiva, em algum nível, ou esbarra em certos problemas típicos desse universo, *vide* o *queerbaiting*⁵ ou estereótipos negativos?

Antes de encerrarmos tal seção, gostaríamos ainda de demarcar o que estamos chamando de *queer*, para não existir confusão sobre como apresentamos o conceito. Quando usamos o termo, estamos tendo por base o trabalho Irene Caravaca (2017). Em termos simples, aqui o *queer* é aquilo que não é heterossexual, sendo essa palavra algo que carrega um senso de alteridade, em um conceito guarda-chuva que vai também contra esse antigo binarismo do heterossexual vs o homossexual. *Queer* como aquilo que é estranho, que vai contra o padrão, o dominante, o legítimo.

O artigo se divide em quatro partes. Começou na presente introdução. Passa para uma segunda seção chamada *Representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis americanos*, que visa contextualizar o campo de estudo dos quadrinhos presente no artigo. Na terceira seção iniciamos nossa análise mais filigranar do material, essa seção se chama *Sobre Super pride e sua representação da personagem Superman*. O término se dá com algumas considerações finais, que vão rever o que foi apresentado, assim como dar uma maior coesão aos pontos existentes.

Representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis americanos

Nossa consideração inicial, na presente seção, envolve certa questão do universo de pesquisa. Ao demarcarmos um estudo sobre quadrinhos e super-heróis americanos, estamos colocando de lado, para não comentar, ou pouco comentar, outros materiais interessantes. Logo o foco do presente texto não é diretamente o erotismo de certas produções, como os trabalhos de Éric Losfeld⁶ ou Guido Crepax⁷ ou de Tom da Finlândia;⁸ também não envolve o *punk* italiano dos anos 70, da personagem RanXerox; ou a distopia criada no Reino Unido, também nos anos 70, de Juiz Dredd; enfim, o artigo também não é sobre *mangás*, que exploram de forma bem rica o universo LGBTI+, com todos os seus rótulos *BL*, *Yaoi* etc⁹.

⁵ Cf. Caravaca (2017).

⁶ Famoso editor, que viveu no século XX, o qual ficou famoso ao publicar material controverso em sua editora *Le Terrain Vague*, tendo lançado uma série de quadrinhos *cult* eróticos.

⁷ Artista italiano de quadrinhos, mais conhecido por sua personagem Valentina, criada em 1965.

⁸ Touko Laaksonen, mais conhecido como Tom da Finlândia, foi um artista finlandês, que ganhou destaque, no século XX, por suas ilustrações homoeróticas.

⁹ Cf. Zsila et al. (2018).

Sobre os quadrinhos, como era de se esperar, não há uma total certeza sobre sua origem e acadêmicos divergem em alguns pontos de importância. Como demonstra Dalbeto (2015), alguns apontam que a origem dos quadrinhos está em relação com os primórdios artísticos das pinturas rupestres, devido ao caráter narrativo das ilustrações. Assim quadrinhos, grosso modo, poderiam ser definidos como narrativas com sucessões de imagens, as quais possuem ou não o elemento verbal. Já outros, como Wellington Srbek, apontariam o nascimento dos quadrinhos como algo atrelado à prensa de Gutenberg, logo seria tipicamente moderno, envolve assim o elemento de reprodutibilidade técnica, vale lembrar como uma impressão de imagens já tinha papel no século XVI, por meio de xilogravuras.

As tirinhas de jornal do século XX, ainda seguindo tal texto de Dalbeto (2015, p. 35-36), eram inicialmente cômicas, em um espaço relacionado ao caricato. Mas depois se desenvolveram histórias de aventuras, dos anos 1920 em diante, com Tarzan, Buck Rogers, Flash Gordon e Príncipe Valente.

Esses heróis assim estão atrelados, em sua origem, ao momento de crise econômica, em uma representação da ordem, da justiça, relacionada, muitas vezes, aos interesses dominantes (DALBETO, 2015). No final dos anos 30, 1938, surge Superman com todo um modelo para os super-heróis.

Em termos de representação LGBTI+, vale dizer que, como é deveras conhecido,¹⁰ os LGBTI+ formam um grupo perseguido e estigmatizado em diversos campos da sociedade e por muito tempo. Em uma história de repressão que envolve poderes e saberes médicos, jurídicos, religiosos etc. Os quadrinhos, enquanto uma amostra do social, não trataram por muito tempo dos LGBTI+ de modo aberto e com representações positivas e inclusivas, em termos de forma modal, *mainstream*, da questão.

Os quadrinhos dos anos 30, 40, 50 já possuíam, como demonstra Cruz (2017, p. 48), personagens que eram alusões ao *queer*. É um exemplo *Papa Pyzon, personagem das tiras Terry and the pirates. Mas, enquanto alusão, isso cai na categoria de queer coding, representações veladas que muitas vezes são associadas ao vilão da trama ou personagens moralmente dúbios, os quais se contrapõem ao elemento forte, masculino e idealizado do mocinho da trama.*

Sobre tal relação entre os super-heróis e o queer, há leituras divergentes. Dariack Scott & Ramzi Fawaz (2018), por exemplo, colocam em maior evidência os elementos queer e marginais existentes no mundo dos quadrinhos. Algo similar ao que é apontado por Rob Lendrum (2004, p. 70), ao comentar como esse gênero de heróis teve críticas, pois seriam representações de

¹⁰ Cf. James Green & Renan Quinalha (2018), João Trevisan (2018), James Green (2019), Adriana Nunan (2003), Bruno Bimbi (2017), Murilo Mota (2019), Luiz Mott etc.

homoerotismo, com aqueles homens musculosos em meia-calça. Shyminsky (2011, p. 296), igualmente, fala de seus uniformes, que nos filmes e na televisão terminam por se tornarem, muitas vezes, couro ou *spandex*, há assim certa similitude até com cenas (*plays*) sadomasoquistas. Já Cruz (2017, p. 18), por sua vez, ressalta o outro lado da questão, de que essas histórias por serem direcionadas ao público mais masculino, se voltavam assim ao imaginário masculino idealizado e ao heteronormativo, em uma objetificação do feminino. Enquanto Mark Best (2005, p. 86), mesmo falando do mundo dos heróis como predominantemente masculino, em que a mulher aparece como, muitas vezes, uma intrusa, uma indesejada, também aponta para o forte relacionamento entre o herói e seu ajudante. Em outros termos, por ser um campo social muito rico, com diversos atores sociais, materiais para análises, diferentes eras etc., é normal que não haja uma total coerência nessas leituras dos quadrinhos, envolvendo diferentes recortes de pesquisa, aportes teóricos e outros tantos elementos.

Ainda sobre uma relação do herói com seu ajudante, e sobre o tópico já colocado por Dalbeto (2015), deles estarem relacionados aos interesses dominantes, vale comentar Neil Shyminsky (2011). Porque tal autor coloca que por essas histórias serem centradas em uma masculinidade heroica, o parceiro teria uma sexualidade vista como ambígua, expressando outras formas de sexualidade. Essa sexualidade outra encobriria uma *ansiedade* diante da própria identidade do herói. Geralmente, o herói é um solitário com um segredo. Havendo uma ambivalência entre qual é a identidade real e qual é a máscara, pois uma máscara não precisa ser literalmente uma máscara.

Shyminsky (2011, p. 288) aponta tais histórias de heróis, do *mainstream*, como surpreendentemente conservadoras, visando uma legitimação das ideologias vigentes. O autor chama o típico herói de uma figura reacionária de manutenção do *status quo*, que pouco deseja ações proativas e progressistas para uma interrupção dos caminhos políticos e econômicos que levam ao combatido crime. E a sexualidade do parceiro envolve o elemento da transição, da *queer child*, do *not-yet-straight*. O herói enquanto mentor e protetor visa ser então, geralmente, um elemento fundamental do controle heteronormativo, ainda nessa chave de conservadorismo ou mente reacionária.

Mesmo podendo ser lido como um elemento conservador ou reacionário,¹¹ um ponto chave para se entender tal relação entre o universo dos quadrinhos e o *queer* é o livro *Sedução dos inocentes* de Fredric Wertham, de 1954. Em tal obra há uma crítica moralizante, porque o autor tinha como explicação, para certos fenômenos, que quadrinhos possuíam correlação com formas de

¹¹ Para uma diferenciação entre o conceito de conservador e reacionário, vale citar João Pereira Coutinho (2014) e Mark Lilla (2018).

delinquência juvenil e mesmo com *distúrbios* sexuais. Com toda uma crítica ao relacionamento de Robin com Batman. Como aponta Lendrum (2004), a posição de ajudante foi associada com uma posição feminina típica, de donzela constantemente em perigo; Wertham igualmente comenta sua vestimenta, de Robin, com suas pernas nuas, e o uso de uma roupa de baixo verde.

Disso, de um medo dos próprios produtores de quadrinhos com alguma intervenção governamental, se seguiu o surgimento do *Comics Code Authority*, CCA, colocado em vigor pela Comics Magazine Association of America em 1954. Entre suas regras, como aponta Cruz (2017), ele apresentava anormalidades sexuais como inaceitáveis nas histórias, que almejavam seu selo de aprovação.

Dentro da era da CCA ainda vemos o domínio do *queer coding* em vigor, mesmo que Lendrum (2004, p. 70) fala de um elemento velado, que pode ter permitido leituras polissêmicas da questão. O autor aponta que a série televisiva dos anos 60 da personagem Batman usou, em sua leitura, o elemento de uma ambiguidade gay ao seu favor. É toda uma estética camp e muito colorida, como podemos lembrar.

Nos anos 60, 70 e 80, mesmo com questões sexuais *borbulhando* no tecido social, tais regras da CCA permaneceram em vigor. Logo, é bastante crível que selos menores e mais adultos tiveram maior liberdade para tratar da sexualidade de suas personagens. Frank Miller,¹² Neil Gaiman,¹³ Alan Moore,¹⁴ Grant Morrison,¹⁵ entre outros, podem ter tido uma liberdade maior, enquanto a personagem Estrela Polar da Marvel, que John Byrne queria abordar como abertamente homossexual, em 1983, não pode ter tal liberdade, tendo espaço apenas para deixar sugestões¹⁶. Sendo igualmente dos anos 80 a personagem Extraño, da DC Comics, um mago extravagante, mesmo para o padrão de super-heróis, que, por seus estereótipos, conseguiu incomodar tanto os entes queer como também os leitores conservadores, reacionários (CRUZ, 2017). Extraño, mesmo muito chamativo, nunca pode se revelar abertamente como queer, e sua morte em decorrência de complicações do HIV, torna-o, nessa fase, ainda mais criticável.

Nos anos 90 com tal código, CCA, perdendo força, começaram a existir representações mais abertas de tais questões sexuais. Mesmo com limitações e críticas possíveis, vide o que é colocado por Cruz (2017), envolvendo a forte sexualização que certas personagens ganharam, com um elemento de apelação ao corpo feminino e um fetiche lésbico.

¹² Cf. Miller (2011).

¹³ Cf. Neil Gaiman (2019).

¹⁴ Cf. Alan Moore (2005).

¹⁵ Cf. Grant Morrison (2012).

¹⁶ Cf. Dalbeto (2015).

De qualquer modo, em 1992, a personagem Estrela Polar se revelou gay. Por isso, Dalbeto fala que Estrela Polar foi o primeiro super-herói homossexual publicado por uma editora *mainstream* (DALBETO, 2015, p. 12).

Dos anos 2000 em diante surgem mais e melhores representações das questões queer, como é apontado por Cruz (2017), em que foram surgindo mais personagens bissexuais, gays, lésbicas, que desafiavam certos padrões de gênero etc., enfim, como é sabido, o movimento LGBTI+ é muito diverso. Assim do silêncio e da ambivalência, vemos uma mudança de cenário, em que agora, de 2021 em diante, temos inclusive uma edição comemorativa em homenagem ao Mês do Orgulho LGBTI+. Vemos que houve, realmente, um aumento quantitativo das representações, se seguirmos o aporte teórico. Mas o que podemos observar em termos qualitativos, se usarmos por base, agora, nosso caso de estudo?

Sobre *Super pride* e sua representação da personagem Superman

A história em questão, *Super pride*, foi escrita por Devin Grayson¹⁷ e ilustrada por Nick Robles. E nela acompanhamos, inicialmente, Robin, Damian Wayne,¹⁸ combatendo alguns vilões enquanto há uma narração, da personagem Superman, falando sobre o poder dos símbolos. Ao verem o Superman aparecer, os vilões da história começam a fugir e Robin reclama que não precisava da ajuda do outro. Na sequência da narração, Superman fala como não há uma concordância sobre o que os símbolos significam, e como um símbolo pode mudar de acordo com quem está o vendo ou quem está o usando. Para continuar a falar de símbolos, a personagem toma como exemplo o S no seu uniforme, que na terra é associado ao Superman, mas em seu planeta natal era um símbolo da Casa de El, um símbolo de esperança. A personagem Superman termina por vencer os vilões, com uma eficiência maior do que Robin poderia ter, e os entrega para alguns policiais.

Se segue então um diálogo entre Robin e Superman. Robin reafirma que não precisava da ajuda dele, Superman diz que sabe disso, mas eles estão com o horário apertado, pois combinaram de se encontrarem com Jay, e precisam se aprontar¹⁹. Robin sorri e diz que está pronto, mostra bombas de fumaça, uma rede elétrica para bloquear ruas, um pulso eletromagnético para derrubar comunicações, máscara de gás. A personagem possui sua fala cortada por Superman, que diz que eles não vão ao evento para dispersar ele, eles vão para celebrar. Robin lembra como esse evento foi inicialmente um motim, e não se

¹⁷ Escritora que já passou por títulos como *Asa Noturna*, *Gotham Knights* e *Batman*. Também valendo lembrar como ganhou um prêmio, em 2001, da *GLAAD Media Award*.

¹⁸ Filho da personagem Batman, e possivelmente o Robin mais violento.

¹⁹ Tal personagem mencionada, como é sabido acompanhando o título do Superman, é o garoto com que Superman está se relacionando.

pode ir para esse tipo de lugar sem uma máscara de gás. Superman pega a mão de Damian, e eles começam a voar, enquanto a conversa continua sobre Stonewall.

Chegam ao telhado em que encontram Jay. E a personagem Jay lhe dá um embrulho de presente, Superman abre, encontrando uma capa, do lado de fora ela é vermelha, como o uniforme que ele está acostumado, mas do lado de dentro ela é listrada, possuindo diversas cores, em homenagem ao *queer*. Superman inicialmente fica em dúvida se irá colocar o novo item, e Jay pergunta se ele não gostou. Superman fala que gostou da ideia, mas não sabe como seu pai, o Superman original, irá se sentir em o ver voando sobre a Parada LGBTI+ como Superman. Em que Robin diz que ele adoraria.

Há um corte temporal e agora vemos Damian sem uniforme, com roupas civis, assistindo tal parada com Jay e perguntando se eles checaram se há o gás do vilão Espantalho no local, ou explosivos, ou mutantes geneticamente modificados nos esgotos. Narrativamente, o objetivo de Robin na história é claro, a personagem é um alívio cômico, por ser exageradamente preocupado e com reações inesperadas. Jay diz então que a única preocupação é tirar boas fotos para Lois²⁰.

O Superman, então, chega ao evento descendo do céu, com a capa que é uma homenagem à comunidade LGBTI+, faz um rastro de fumaça colorido no céu, pega Jay nos seus braços, na sequência, e o beija voando. Enquanto vemos sua capa, com diversas cores, esvoaçante. Entre balões de festa e cores a história termina, com a narração dizendo que não há jeito errado de ser você mesmo.

Narrativamente, como vemos, há uma série de elementos para análise. Em termos de ilustrações, que obviamente se cruzam com o roteiro, também.

Como apontado por Cruz (2017), quadrinhos podem trabalhar bastante com uma estética clássica, do corpo masculino idealizado de um padrão ideal Greco-romano²¹. E o que vemos aqui é uma arte possuidora de qualidade, mas que realmente não foge muito do esperado, e até poderia ser mais trabalhada, em certos momentos.

Não foge de uma estética de corpos jovens, belos, harmônicos, que chocam muito menos tais parcelas conservadoras e reacionárias, em relação aos outros estilos possíveis, como o *Bara*, no caso dos *mangás*. Esse elemento,

²⁰ A mãe do Superman.

²¹ E assim há paralelo com certos comentários de Roger Scruton (2013) sobre o tema, envolvendo arte como algo que representa, muitas vezes, o belo, o simétrico, o harmônico, o transcendente; em que mesmo o transgressivo, o triste, o decadente etc., deve possuir um elemento de encantamento, ascendência. Em que o rosto aparece como um elemento passível do erotismo, pois é um elemento de personalidade etc.

de não haver corpos supermusculosos, como em Frank Miller, ou pelos faciais, termina criando algo mais palatável, do que se houvesse o beijo entre Superman e Jay nesses traços.

Ainda em termos estéticos, vemos como as coisas são muito coloridas, e se optou por usar muito tons claros. Bastante azul, vermelho, até por causa dos uniformes dos heróis;²² o cabelo de Jay é rosa, como de costume. Em que essas muitas cores *conversam* com tais elementos relacionados com a própria bandeira do arco-íris. Não sendo essa adesão discreta, pois Jay está usando uma camisa que possui a bandeira da comunidade, do mesmo modo a capa de seu celular possui uma faixa, novamente, com a bandeira etc.

Por que Superman voa segurando Robin pela sua mão, uma só, até o terraço? Não vamos ficar discutindo uma possível *ciência* por trás do ato de Superman voar, mas isso não parece uma forma segura ou confortável de voar. Se houvesse realismo, Robin não ficaria, no mínimo, com o braço dolorido? E, no pior dos casos, não poderia arrancar ou deslocar o braço da personagem? Então qual o motivo de tal escolha? Mais uma vez, o ponto é estético. Damian no colo do Superman não poderia abrir margem para especulações sobre sua sexualidade? Um Robin já é bissexual, o que faltaria para certos leitores acharem que todos eles são *queer*? Robin no colo do Superman, isso não *feriria* sua masculinidade? Isso não soaria *feminino*, como tantas vezes em que a personagem salvou alguma moça?

A narrativa em si não possui nenhum grande conflito, os vilões do início da história não representam nenhuma ameaça para Superman. É, basicamente, a história da ida de Robin, Jay e Jon ao desfile; e a mensagem é de uma aceitação e orgulho diante da causa LGBTI+.

Se somarmos tal história com outras anteriores, que abordam questões LGBTI+ recentes na editora, vemos uma mesma linha editorial contínua. A linha editorial representa tais personagens se aceitando inteiramente como *queer* e isto não é um problema, mas um motivo de felicidade. A estética também é similar, corpos jovens, bonitos, definidos, mas não exageradamente musculosos ou peludos. Logo, essa linha da *DC* se contrapõe inclusive com histórias, *vide* certos *mangás*,²³ em que muito da trama envolve uma personagem ir se aceitando aos poucos como *queer*, e todo o drama e dúvidas diante disto.

Em termos de críticas é válido apontar que a história não cai nos problemas do *queer coding* ou *queerbaiting*, ou seja, não é uma representação velada. Também não é uma representação de tanto conservadorismo ao ponto de se chegar ao nível dúbio, como existe, por exemplo, no filme *Animais*

²² Tanto o uniforme do Superman quanto o de Robin possui vermelho.

²³ Cf. Nakamura (2006).

fantásticos 2, em que se o espectador não souber do *background* da personagem Dumbledore, talvez pouco entenda da relação dela com o vilão da trama. Mas, mesmo não sendo uma representação tão conservadora, acreditamos que fique uma ideia de falta de criatividade em abordar certos pontos. A falta de conflito na trama, e a própria estética, aponta para isso.

Em um primeiro momento, a impressão que fica é de como se avançou ao longo dos anos em tais representações, o que está correto, se pensarmos em como pouco tempo atrás esse beijo de Superman canônico seria impossível, sendo evento relegado ao paródico ou alguma *fanart*, outro campo ainda pouco estudado pela universidade. Logo é inegável que houve uma melhora de Estrela Polar, que não podia se assumir, para cá. Entretanto, por ser um avanço, não podemos perder o elemento de crítica. Se olharmos em paralaxe,²⁴ ainda pensando um pouco em Žižek, o que vemos? Uma arte mediana, uma história simples, na qual o único diferencial é que aborda o elemento LGBTI+, mas com uma mínima tensão possível.

Um grande conflito na trama atual da DC poderia ser se essas figuras de heróis de outros tempos, Batman e o Superman original, não aceitassem os elementos *queer* da nova geração. Seja o elemento bissexual em Robin ou o fato do novo Superman usar uma capa colorida em homenagem ao movimento LGBTI+. Mesmo esse novo Robin, duro e frio, poderia ser um ponto para algum conflito interessante na trama. Mas isso não há nas recentes edições da editora, que lemos; Superman aceitou muito bem, até onde saibamos, a sexualidade do filho. E um mínimo de conflito que vimos entre Batman e Jay, e por consequência Jon Kent, não envolve aparentemente o fator *queer*, mas o fato de Batman considerar Jay uma possível ameaça, por poder manipular perigosamente Superman. Então o que parece ficar mais em questão é a falta de confiança da personagem Batman nos outros, até por causa de seus traumas e sua vida de vigilante, do que a sexualidade da personagem.

Do mesmo modo, a história em nada desafia certos padrões de gênero. O que queremos dizer? Talvez Superman possa beijar outro garoto, ou Robin possa sair com outro menino, mas isso envolve ainda um viés, uma forma de representação, com certo conservadorismo. Em que está tudo bem que o filho do Superman seja *queer*, mas será que ele poderia usar certas roupas *genderless* sem problemas? Ou isso afetaria a *seriedade* da personagem? Será que mesmo *gay* ou bissexual o herói ainda precisa se apresentar de modo associado ao homem, ao masculino, ao sério, contrário ao *sentimentalismo* feminino? Qual seria a reação se, em vez de uma capa colorida, Superman resolvesse usar uma minissaia, como muitas vezes Supergirl usa, e

²⁴ Aqui pensamos em paralaxe como um deslocamento, que altera nossa percepção sobre o objeto observado.

maquiagem? Ou se ele colocasse uma sunga de vinil ou couro, bem apertada, e um espartilho, em um visual similar ao do cantor Marilyn Manson, em certas fases dos anos 90? Pensando na série da *Netflix* de *Sandman*, 2022, e se Superman decidisse adotar um visual *furry*, como a personagem *Desire* faz em certo capítulo? O que achariam de um Superman com uma peça justa *genderless*, com uma tiara de orelhinhas de gato, plumas pretas e uma cauda felina? Ele é um alienígena, por que precisaria respeitar certos padrões estéticos? Como ele mesmo diz, os símbolos possuem suas polissemias.

Talvez as personagens que possuam maior liberdade para quebrar certas barreiras ainda sejam as personagens com alguma veia cômica, como no caso de *Deadpool* ou *Coringa*. E quebram exatamente por terem a liberdade cômica, a liberdade dos *loucos* de não respeitar certas regras. Um bom ponto fora dessa curva, nesses termos, é a personagem da *Marvel* *Shade*, uma mutante, logo personagem relacionada ao núcleo dos *X-men*, *Drag Queen*. Mas é mais uma vez tal história, os maiores riscos das editoras podem ser alocados em personagens menores ou selos *underground*.

Do mesmo modo, outro elemento dentro do campo *queer* é a questão do sadomasoquismo²⁵. Como já dito, certos visuais de super-heróis possuem similaridade com uma estética BDSM. E por que falar, aqui, do sadomasoquismo? Porque como sabemos, o sadomasoquismo, por ter um de seus pilares em Marquês de Sade (cf. Sade, 2005),²⁶ está inegavelmente relacionado ao prazer radical, uma busca dele pelo menos, e em uma aceitação do prazer. Logo ao juntarmos essas duas figuras, a do super-herói com Sade, o que vemos? Um contraste entre uma busca e aceitação do prazer, mesmo bastante exagerada em certos momentos, e uma postura de manutenção da ordem, da timidez. Em que o corpo do super-herói, sua sexualidade, mesmo heterossexualidade, gera polêmica, em certos momentos. Assim, mesmo em um selo adulto, a *DC* retirou a ilustração do pênis do Batman. É compreensível que haja, por serem personagens com amplo público juvenil, certo recato, mas até nos selos adultos? Quais questões o pênis do Batman levanta? Aqui estamos pensando, mais uma vez, em como Shyminsky (2011) aborda uma *ansiedade* diante da identidade, e da própria sexualidade então, do super-herói. O que ver o pênis do Batman passa para certos leitores? O que significaria se o Batman tivesse um pênis pequeno? O que significaria se o Batman tivesse um pênis grande? O que significaria se eles sentissem curiosos com o pênis da personagem?

²⁵ Cf. Tamsin Spargo (2017).

²⁶ Para mais detalhes sobre o sadomasoquismo e Sade, vale conferir Thomas (1992), Moraes (1992, 2015), Azevedo (1998), Castro (2015) e Deleuze (2009).

O mínimo passo dado talvez seja encarado como um grande evento no campo, *vide* a história em questão da edição *DC Pride*, mesmo que não chegue nem perto das transgressões dadas décadas atrás por outros artistas, em outros campos, como Glauco Mattoso (2006) ou Bataille (2018).

Quando imaginaríamos um Superman beijando outro garoto? E porque tão pouco se imaginou isso antes, em termos de uma representação canônica, no universo *DC*? Que a sexualidade de Robin sempre esteja em questão, desde a década de 50, como vimos, isso envolve, muitas vezes, um deboche contra tal personagem²⁷.

E nisso tal figura do super-herói, saído dos anos 30 e 40 do século passado, pode parecer muito datada. Terminam hoje ganhando certo espaço, exatamente, releituras anti-heroicas ou malignas das personagens, *vide* *Homelander*²⁸. Igualmente interessante é o Superman retratado por Frank Miller (2011). A força do Superman de Frank Miller é, exatamente, mostrar como seguir o ordenamento social pode ser algo profundamente ameaçador, Superman como uma arma perigosíssima, quando está nas mãos erradas.

Criticar essa figura, assim, como uma figura de manutenção da ordem, nos soa uma boa reflexão. Em que a personagem Superman pode aparecer, exatamente, como uma personagem chata, conservadora, reacionária. E nisso entra Jon Kent para revitalizar tal personagem. Mas o que vemos? Tirando uma adesão ao universo LGBTI+ e uma surpresa inicial, talvez sobre menos do que parecia. Inclusive na edição *DC Pride 2022* existem histórias mais interessantes, *vide* *Finding Batman* de Kevin Conroy, que aborda preconceito e a AIDS, talvez sendo a história menos palatável para muitos leitores; ou *Up at bat*, escrito por Jadzia Axelrod, que mostra a personagem Alysia, mulher transsexual, ajudando Batgirl em um combate contra o vilão Killer Moth.

Como sabemos, ao ler Nunan (2003), por exemplo, estamos lidando com marcas, e como houve um momento histórico em que se tornou interessante para certas marcas começarem a investir em produtos direcionados de modo, mais ou menos, aberto ao público LGBTI+. Logo a produção de algo palatável, que agrada o máximo do público possível, é algo visado, ainda mais quando estamos falando de alguns dos produtos mais importantes da editora, como Superman. Produzir algo medíocre, assim, pode ser finalidade última de certas representações recentes.

Para certos produtores de filmes, séries etc., o *queerbaiting* é ruim, agora, por estar recebendo críticas do público, mas durante muito tempo só de J.K. Rowling, por exemplo, ter dito que Dumbledore era *gay*, já foi visto como

²⁷ Vale conferir alguns comentários de Niel (2004).

²⁸ Que é um Superman maligno, dos quadrinhos e seriado *The boys*, ele é cruel, cínico, sexual.

um grande feito. Essa história comentada, da personagem Superman, não segue a definição de *queerbaiting* como algo implícito, talvez inexistente, mas não deixa de ser, de outro modo, um *queerbaiting*. Uma produção que vende, quase todo momento, os símbolos mais óbvios do movimento LGBTI+ e tenta, ao seu modo, o tornar um produto de massas. Olhem como colocam diversas vezes as cores da bandeira do arco-íris, como vendem uma história sobre esperança e felicidade. Mas a história é boa ou simplesmente é rápida e fácil de ler?

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo discutir uma relação entre o mundo dos quadrinhos e certos tópicos relacionados ao movimento LGBTI+, tendo por ponto central uma representação da personagem Superman, em uma das histórias da edição especial *DC Pride* de 2022.

Fez parte de nosso objetivo mostrar como representações culturais não são elementos atemporais, e nisso não estamos divergindo do que Michel Foucault disse, por exemplo, sobre a sexualidade. Assim realizamos uma análise sobre a história dos quadrinhos americanos e vimos como esse campo tratou o universo LGBTI+. Nas primeiras décadas do século XX, vimos representações veladas das personagens, possivelmente, *queer*. Esse silêncio, que podemos ler como conservador ou reacionário, foi lido por alguns como um espaço para ver implícitas relações homoafetivas, o que levou até o surgimento de um código, CCA, para tentar garantir menos liberdade ainda de tais manifestações culturais.

Mesmo com o CCA em vigor, porém, havia espaços para resistências e leituras polissêmicas das questões. Espaços para maiores liberdades narrativas vieram primeiro, acreditamos, em quadrinhos mais adultos e de selos menores, que puderam discutir abertamente certos tópicos sem o risco do que, genericamente, poderíamos chamar de um pânico moral. Mas no grande cenário dos quadrinhos, nos anos 80, ainda estávamos lidando com representações implícitas, *vide* o caso de Estrela Polar da *Marvel*.

Com os anos 90 houve um esgotamento do CCA, e o número de abertas representações, sobre a sexualidade das personagens, puderam aumentar. Nessa década, por exemplo, Estrela Polar se revelou homossexual. Mas ainda não eram questões muito fáceis ou abundantes. Sendo que, seguindo tal leitura de Cruz (2017), foi de 2000 em diante que o cenário parece ter melhorado, em termos gerais.

Sobre tal apresentação de Superman enquanto *queer*, isso ocorreu recentemente, logo ainda não se produziu muitas análises acadêmicas, no que

tange ao tópico. Em que, assim, esperamos aqui ter dado uma contribuição para o debate. Como vimos na história selecionada, *Super pride*, não há o tão comum elemento implícito, logo escapa ao *queer coding* ou ao que geralmente é demarcado como *queerbaiting*. Sendo uma representação bastante clara da questão, como a história tenta reforçar ao máximo. A questão *queer* é retratada pela lente do orgulho e não há espaço para incertezas, como outras histórias trabalharam antes, *vide* o caso de todo um universo de *mangás*, com protagonistas reticentes sobre suas respectivas sexualidades. Há aqui espaço para aceitação, felicidade, beijo, luz, sorrisos, cores.

Enquanto uma trama em que falta conflito, com alguma densidade, o resultado final é ambivalente. Por um lado é inegavelmente bom e um avanço, em termos de representatividade, ter tal história, logo é justo celebrar isso. Mas, por outro lado, a história parece feita propositalmente para ser medíocre, a estética também não surpreende. Se compararmos tal seguimento de Superman com a densidade de algumas produções de Frank Miller, Neil Gaiman, Alan Moore etc., ou com a arte de Dave McKean, o resultado final parece meramente protocolar, no sentido de que o objetivo da editora era produzir uma história comemorativa em homenagem ao universo LGBTI+, e isso foi feito.

Se parte do *queer* é ser considerado como algo estranho, desafiador, que escapa ao *normal*, aos poderes consolidados, fica uma ideia de que faltou ser mais *queer* em tal produção. Não há nada aqui, nem remotamente similar, ao monólogo sobre Justiça, de *V de Vingança*. Como falamos, há um espanto inicial positivo, mas o resultado final não parece surpreendente.

O Superman LGBTI+ é uma atualização do símbolo, do produto consolidado da marca, em alguns aspectos, mas também é uma conservadora renovação do que poderia ser tal personagem. Ele gosta de homens, mas continua aqui sem ser um grande desafio ao *status quo* ou contra certos padrões de gênero. Enfim, enquanto um produto, essa abertura lenta faz total sentido, mas falta ousadia, diferencial, como parece acontecer com certas casas de moda de luxo, que ficam se repetindo, com pequenas variações, vivendo dos frutos do sucesso e dos acertos passados.

Ficaremos mais surpresos quando alguém finalmente consolidar o pânico moral de outra época, e colocar Batman e Robin como um casal canônico dentro do universo DC. E, para concluirmos, devemos dizer que a capa nova que Superman usa na história é de gosto bastante duvidoso, não achamos bonita ou elegante, parece uma coisa remendada, feita para botar em um espantalho, que o torna ainda mais espalhafatoso. O maior símbolo de mudança estética, nessa edição, não funcionou para nós.

Referências

- ALEXANDRIAN, S. 1993. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco.
- AZEVEDO, W. 1998. *Sadomasoquismo sem medo*. São Paulo: Iglu.
- BEST, M. 2005. Domesticity, Homosociality, and Male Power in Superhero Comics of the 1950s. *Iowa Journal of Cultural Studies*, v.6, n.1, pp. 80- 99.
- BATAILLE, G. 2018. *História do olho*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BIMBI, B. 2017. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BOURDIEU, P. 2011. *A distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- CARAVACA, I. R. 2017. *Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation*.
Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation. Acesso em: 15, jan. 2022.
- CARPEAUX, O. M. 2012. *História da Literatura Ocidental, vol 1*. São Paulo: Leya.
- CASTRO, C. 2015. *Os libertinos de Sade*. São Paulo: Iluminuras.
- COUTINHO, J. P. 2014. *As ideias conservadoras*. São Paulo: Três estrelas.
- CRUZ, D. P. 2017. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.
- DALBETO, L. C. 2015. *SUPERGAY: Diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná.
- DELEUZE, G. 2009. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FAWAZ, Ramzi & SCOTT, D. 2018. Introduction: Queer about Comics. *American Literature*, v. 90, pp. 197–219, Disponível em: https://www.academia.edu/36801487/Introduction_Queer_about_Comics. Acesso em: 02 nov. 2022.
- FOUCAULT, M. 2010. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal.
- GAIMAN, N. 2019. *The sandman: a game of you*. Nova Iorque: Vertigo.
- GREEN, J. 2019. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP.

- GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). 2018. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EDUFSCar.
- LENDRUM, Rob. 2004. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for Arts, Sciences and Thechnology*, v. 2, n. 2, pp. 69-73.
- LILLA, M. 2018. *A mente naufragada*. São Paulo: Record.
- MATTOSO, G. 2006. *Manual do podólatra amador*. Sao Paulo: All Books.
- MILLER, F. 2011. *Batman: Cavaleiro das trevas. Edição definitiva*. São Paulo: Panini books.
- MOORE, A. 2005. *V de vingança*. São Paulo: Panini books.
- MORAES, E. R. 1992. *Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: Educ.
- MORAES, E. R. 2015. *Sade, a felicidade libertina*. Sao Paulo: Iluminuras.
- MORRISON, G. 2012. *Asilo Arkham: uma séria casa em um sério mundo*. São Paulo: Panini books.
- MOTA, M. P. 2019. *Saindo do armário: da experiência homossexual à construção da identidade gay*. São Paulo: Fontenele.
- NIEL, M. 2004. *Batman e Robin: a dupla dinâmica e sua ambiguidade*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264550984_Mesa-redonda_Batman_e_Robin_a_dupla_dinamica_e_suas_ambiguidades. 3. jan. 2022.
- NAKAMURA, S. 2006. *Junjou Romantica – vol. 1*. California: Blue Manga,
- NUNAN, A. 2003. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai.
- PAIVA, M. J. 2021. John Constantine and the homoaffective question: an analysis of LGBTI+ representations in superhero comics and animations. *Revista Sem Aspas, Araraquara*, v. 10, pp. 01-17.
- PLATÃO. 1979. *Platon: obras completas*. Madri: Aguilar.
- SADE, D. A. F. 2005. *The complete Marquis de Sade*. New York: Kensington Books.
- SHYMINSKY, N. 2011. "Gay" Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. *Men and Masculinities*. v. 14, n.3, pp. 288-308.
- SCRUTON, R. 2013. *Beleza*. São Paulo: É Realizações.

- SPARGO, Tamsin. 2017. *Foucault e a teoria queer*. Sao Paulo: Autentica editora.
- THOMAS, D. 1992. *Vida e obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- TREVISAN, J. S. 2018. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- ŽIŽEK, S. 2017. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar,
- ŽIŽEK, S. 2018. *Lacrimae Rerum: Ensaio sobre cinema moderno*. São Paulo: Boitempo,
- ZSILA, Á. *et al.* 2018. Loving the love of boys: motives for consuming yaoi media. *PLoS ONE*, San Francisco, v. 13, n. 6, pp. 01-17.